

Maria de Fátima Berenice da Cruz¹

RESUMO

Este artigo discute a noção de diversidade na escola brasileira, e mostra as resistências encontradas na escola por professores e alunos no que diz respeito a produção de subjetividades. Além disso, apresentaremos a leitura de um escritor baiano, Sosígenes Costa, contemporâneo dos modernistas brasileiros, que premeditadamente foi olvidado pela Escola baiana no processo ensino e aprendizagem da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Salientamos que ao tomarmos, de forma generalista, a escola como a “algoz” do esquecimento, referimo-nos ao instrumento básico de acesso ao texto literário: o livro didático. Este chega às escolas com categorização temática, discussão e estilo, reducionistas, e interfere no contexto local para o qual é encaminhado, tornando-se completamente negligenciado e apagado da discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Escola; Estudante; Literatura

ABSTRACT

This article discusses the notion of diversity in Brazilian school, and shows the elements found in school by teachers and students with regard to production of subjectivities. In addition, we will introduce the reading of a writer from Bahia, Sosígenes Costa, Brazilian contemporary modernist, which plan was forgotten by the Bahia School in the process of teaching and learning literature in Portuguese language classes. We stress that when we take so generalist, the school as the "executioner" of oblivion, we refer to the basic instrument of access to the literary text: the textbook. This arrives at schools with thematic categorization, discussion and style, and interferes with the reductionist local context to which it is referred, making it completely neglected and deleted the discussion.

KEYWORDS: Diversity; School; Student; Literature

¹ Doutora em Educação, professora adjunta de Literatura brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), líder do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e linguagens (GEREL), professora permanente do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Gênero (GEPHEG). E-mails: fatimaberenice@terra.com.br. tel:(75) 9971-5637.

Ao buscar a etimologia da palavra ‘diversidade’ do latim *diversitas*, observa-se que a noção se refere a tudo que diz respeito ao diferente, ao variado, ao distinto ou divergente do padrão convencionalmente estabelecido por um determinado grupo. As diferenças foram escamoteadas e marcadas de sangue e dor por toda a história da humanidade. Todos os povos, línguas, culturas ou literaturas que não possuíam o veredito do grupo autorizado, eram banidos e sistematicamente esquecidos. Por isso início este artigo perguntando: por que a escola constrói modelos privilegiados? Por que o reforço ao cânone eleito é a tônica impenetrável da Escola?

Neste artigo apresentaremos a leitura de um escritor baiano, contemporâneo dos modernistas brasileiros, mas que premeditadamente foi esquecido pela Escola baiana no ensino e aprendizagem da literatura nas aulas de Língua portuguesa. Vale salientar que ao tomarmos, de forma generalista, a escola como a algoz do esquecimento, estamos nos referindo ao instrumento básico de acesso ao texto literário: o livro didático. O livro didático chega às escolas com categorização temática, discussão e estilo, muitas vezes reducionistas, operando de modo que o contexto local para o qual é encaminhado se torna completamente negligenciado e apagado da discussão.

Antes, porém, de adentrarmos à leitura do escritor baiano, discutiremos sobre algumas diferenças que são negligenciadas e apagadas na/pela escola. Um exemplo a ser citado é a publicação do livro *A negação do Brasil: o Negro nas Telenovelas Brasileiras*, em 1998, cuja discussão enfatizava a visibilidade que o negro tinha no espaço audiovisual, destacando que os estereótipos a que estão submetidos, bem como a exígua contratação de negros nas telenovelas são a tônica desse ambiente midiático. O livro se propõe a contestar o mito da igualdade e cordialidade racial, destacando o estético padrão colonizador das produções audiovisuais no Brasil. O autor, Joel Zito

Araújo abre um canal de discussão, que nos inquieta por fazer enxergar o posicionamento racista dos veículos de comunicação no Brasil.

Este preâmbulo tem por objetivo mostra o quanto o tema da diversidade consegue mexer com a nossa tão propalada identidade nacional. Em vista disso perguntamos: Será que no Brasil a diversidade é respeitada e aceita? Será que o fato de as escolas e universidades discutirem a pluralidade e a multirreferencialidade faz do nosso país uma nação inclusiva?

Por isso, a discussão suscitada pelo lançamento do livro, os temas selecionados pelas Universidade para organização de revistas científicas, os congressos e simpósios sobre diversidade pode ser um exemplo de como a sociedade brasileira está se mobilizado para criar uma cultura que se relaciona, cuide e respeite das com as diferenças sociais e étnicas e religiosas. Todavia pensar a diversidade na escola requer muito cuidado e amadurecimento do ponto de vista teórico, pois a diversidade cultural é muito mais complexa e do que pensamos. Discutir a diversidade é poder enfronhar-se os aspectos mais cristalizados da cultura, isto é, pela própria situação heterogênea da palavra diversidade, se faz mister uma análise intestinal da cultura para que se possa ter um posicionamento crítico e político e um olhar mais ampliado que consiga abarcar os múltiplos recortes dentro de uma realidade culturalmente diversa.

Por isso, a responsabilidade do educador é criar formas metodológicas e conceituais diversas que possam contemplar o lugar da cultura do seu educando. Essa prática pedagógica de caráter inovador, tem como parâmetro a inovação da consciência crítica do educador e do educando, abrindo-se para uma proposta de ensino que valorize o ser humano e o torne receptivo e capaz para conduzir a sua vida.

Nesse sentido cabe à escola criar alternativas conceituais e metodológicas que possam suscitar no estudante o prazer de fazer parte dela. E para isso, o professor

deve estar inserido na escolha do material que será utilizado em sala de aula pelo aluno, pois quando permitimos que alguns textos sejam excluídos do trabalho escolar, estamos reproduzindo o lugar e fala do colonizador. Nesse sentido Walter Mignolo afirma que a colonialidade do poder tem agido, desde a construção da modernidade sob prisma europeu, no sentido de criar diferenças e utilizá-las como justificativa para a inferiorização, colonialização e subalternização de povos e culturas. (MIGNOLO, 2010, p.76).

O pensamento de Mignolo nos remete a uma rotina escolar que desconsidera a diversidade de um povo representada através de suas práticas culturais, suas leituras seus autores, enfim, tudo aquilo que o represente dentro do processo de escolarização do texto e da leitura. Desse modo afirmamos que o fracasso da escola não se vincula ao interesse ou desinteresse do estudante, mas diz respeito incontestemente ao fracasso de um sistema escolar, representado por um Estado neoliberal, que inviabiliza o conhecer do mundo plural e subjulga o sujeito a ser reproduzido de um aparelho perverso, maniqueísta, dicotômico, que enquadra a todos em padrões previamente estabelecidos.

Por isso, perguntamos: Será que a Escola brasileira está disposta a refletir sobre estas questões e aceitar o desafio da mudança? Será que o docente está disposto a sair do papel de “ensinante” e transformar-se num professor-pesquisador como denomina Maurice Tardif? Estas provocações de natureza socrática têm por objetivo revelar contradições submersas no modo como a escola age baseada em valores e preconceitos sob a medida do olhar colonizador. Este olhar, esteio de uma escola conservadora, privilegiou e selecionou o processo de textualidade que deveria ser adquirido pelos estudantes no âmbito escolar.

Por essa razão, muitos escritores foram esquecidos e quase apagados da escolarização do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa. A exemplo, temos o

grapiúna Sosígenes Costa que não conseguiu competir, em seu tempo, com os expoentes do Modernismo brasileiro. O professor de Língua Portuguesa, seguindo um padrão construído pelo livro didático, já possui previamente os autores e obras “consagradas” pelo cânone como a ideal de ser estudada. A contrapelo dessa prática pedagógica censora, apresentamos neste artigo a leitura de um poema de Sosígenes Costa numa perspectiva de compreensão do código linguístico como um passaporte para a produção de subjetividade do estudante e do professor.

No período histórico-literário conhecido por Modernismo brasileiro, viveu e produziu na Bahia um poeta chamado Sosígenes Costa. Apesar da excelência dos seus textos, o seu trabalho não se tornou um expoente de estudo na escola baiana, pois foram selecionados para os livros didáticos, autores do sul e sudeste do país que se tornaram os verdadeiros representantes do movimento modernista. Na Bahia, a Escola conheceu o Modernismo numa perspectiva nacional, mas curiosamente, não teve o privilégio de saborear os textos de autores desse período que viviam aqui na Bahia. Na década de 70, porém, o crítico literário José Paulo Paes redescobriu Sosígenes Costa e passou a estudá-lo. E em 2004 dois acadêmicos baianos lançaram uma coletânea de artigos² que apresentava ao público a grandeza da obra de Costa. Vemos com este exemplo o malefício que o poder da exclusão é capaz de gerar. Sosígenes teve a obra negada e conseqüentemente se tornou um escritor desconhecido e deliberadamente esquecido, visto que o Modernismo literário deu ênfase ao escritor do sul e sudeste do país. Nessa coletânea organizada por Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca publiquei um artigo, no qual faço uma leitura de um poema de Sosígenes Costa, mostrando a força estética de um escritor nascido no sul da Bahia. Agora em 2016, após 12 anos da publicação faço uma revisão dessa leitura e trago para este artigo

2 Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca organizaram uma coletânea intitulada “O triunfo de Sosígenes Costa”, cujo objetivo foi dar visibilidade ao escritor que ficou esquecido até a década de 70, quando é redescoberto por José Paulo Paes.

uma releitura da publicação de 2004 do poema *Case comigo, Mariá*, mostrando que apesar da qualidade poética, o livro didático ainda não privilegia a escrita regional.

Escrito por um grapiúna, que viveu no sul da Bahia, entre as roças de cacau e as praias, o poema *Case comigo, Mariá*, reacende a discussão em torno do conceito de poesia e da função desta como difusora da cultura de um povo. Não pretendo imprimir neste texto um tom apologético em torno do poeta Sosígenes Costa. Todavia, faz-se necessário analisar o referido poema, enfocando o escritor como aquele que soube, em seu tempo, articular os elementos da cultura popular com os mitos de criação do universo, com a teoria dos nomes e até, com conceitos contemporâneos que nos falam da ausência de fronteiras entre as culturas.

Se fôssemos definir o engajamento do poeta com a sua escritura, diríamos que o poeta é aquele que casa com a poesia para que o poema possa ter vida e transmitir vida aos leitores. O desejo de casar com Mariá é na verdade, o desejo do poeta em estar próximo da poesia. Porém, a poesia é fugaz, livre e infinita. Semelhante ao mar, a poesia ultrapassa as fronteiras do controle e a sua geografia poética não conhece os limites do possível e do determinado.

Um poeta coetâneo nosso escreveu o poema *Rapsódia Matutina*, que assim descreve a poesia:

Há tempos a poesia fugiu do poema:
Não queria ser engaiolada por palavras
Muito menos, ser lida por poetas solitários.

Árduos tempos, que as manhãs de inverno denunciam
Mas que poetas insistem (en) cantar e
aprisioná-la em suas redes gráficas.

Mas se ela não quer-se presa,
Onde, então, poderemos encontra-la?

(Aldo Aquino)

O questionamento de Aldo Aquino é semelhante ao lamento de Sosígenes Costa, *Mariá, case comigo*. Nesta balada, o poeta chora travestido em lua e as suas lágrimas se transformam, religiosamente, em sal da arte literária. Isso nos remete ao ensaio *Poesia*²⁵ de Jorge Luis Borges, que ao discutir a linguagem como um fenômeno estético, apresenta-nos o elemento lua a partir da sua localização no contexto poesia. Ele diz: “Pensemos, por exemplo, numa coisa amarela, resplandecente, cambiante. No céu, essa coisa é às vezes circular; às vezes, tem a forma de um arco e que nosso antepassado comum, deu a essa coisa o nome de lua”. No poema em estudo, Sosígenes Costa admira esse elemento dizendo: *Ab! Como é linda esta roda*.

Arco, como quer Borges ou Roda, como quer Sosígenes, ambas terminologias nos remete à metáfora persa que fala da lua como espelho do tempo, de que nos fala Jorge Luis Borges no já referido ensaio. A lua para Sosígenes representa a fragilidade e ao mesmo tempo, a eternidade. A lua cheia que ilumina Belmonte é a guardiã dos sonhos e desejos do poeta. Entretanto, verifica-se também, que ela é frágil em toda sua plenitude. Mas essa fragilidade é transformada pelo poeta em mistério e encanto no instante em que as lágrimas se transformam em *joia preciosa*, que precisa ser bem guardada (estrofe 12) e eventualmente adorada para representar as lágrimas salgadas que cairão na areia.

Já dizia Nietzsche que a lua é um monge que contempla invejosamente a terra. Ou um gato que pisa um chão de estrelas. Sosígenes nos diz que a lua, como esse gato, brilha na areia da Barrinha. Daí, ser ela o espelho do tempo; ela observa o homem e os seus feitos, tendo a eternidade como medida.

25 *Poesia* é o quinto ensaio da obra *Sete Noites* de Jorge Luis Borges.

Quando Sosígenes Costa adjetiva a lágrima como lágrima azul de saudade e lágrima salgada, isso nos faz lembrar o mito grego do casamento sagrado (primeira fase do cosmo). Segundo Mircea Eliade²⁶ a união de Urano e Géia significava a comunhão entre deus e os homens, pois a energia divina convergia diretamente sobre a cidade, em outras palavras, sobre a terra; garantindo-lhe desta forma, a prosperidade e a felicidade. Por outro lado, o oceano, que pode tratar-se de uma palavra oriental, é conhecido como um rio-serpente que cerca e envolve a terra, ou seja, é a personificação da água que rodeia o mundo. Assim sendo, as águas representam a imagem da indistinção e da indeterminação primordial.

Para Sosígenes a lua é aquela que contempla do alto a união da água com a terra e, conseqüentemente o nascimento da vida. Mariá (esse *mar* que *ri*) é a bela poesia faceira e fagueira. É Tétis simbolizando o poder e a fecundidade feminina. Mas, interessante é a subversão ao mito grego estabelecida pelo poeta Sosígenes Costa. Segundo o mito de criação primordial, Tétis, o mar, mãe universal, casa-se com Oceano, o rio-serpente. No poema de Sosígenes, Tétis (mar) casa-se com Géia (terra). Pensemos: na concepção do imaginário grego, estas são duas divindades femininas, portanto, inimaginável o enlace para reprodução. Na concepção de Sosígenes o mar e a areia são os amantes em quem Mariá deve se espelhar. Assim, essa subversão nos leva a crer, que Sosígenes também queria instituir a sua Teogonia poética. E essa Teogonia instaurada por Sosígenes, estaria mais próxima ao imaginário popular dos judeus, quando organizam o Torá, do que dos gregos quando elaboram a Teogonia.

A palavra na poesia de Sosígenes Costa tem a força da criação. E esta criação que ele institui, articulando Areia e Mar, pode representar um novo Gênesis da arte literária. Vejamos: no livro do Gênesis Deus criou a terra (elemento árido) e depois o mar (ajuntamento das águas) Gen. 1, 9. E a partir dessa criação a produção de plantas,

26 Citação retirada da obra *Mitologia Grega* de Junito de Souza Brandão.

sementes e animais. No poema de Sosígenes percebemos que ele também institui o casamento sagrado entre a areia e o mar. E como no Gênesis, essas duas palavras possuem força de criação. Borges nos diz que nada é casual na Escritura, tudo nela tem que ser determinado – por exemplo, o número de letras de uma palavra ou a equivalência delas com o conceito.

Na esteira de Borges podemos afirmar que não foi por acaso a escolha dos vocábulos Areia e Mar como instauração da Teogonia Poética. **A**, primeira letra do alfabeto, significa princípio, começo de tudo. Daí, o vocábulo Areia, da qual foi criado o homem. Quanto ao vocábulo **Mar**, ajuntamento das águas, significa a vida fecunda. Assim, criando um universo de equivalência entre o mito de criação e a criação poética, diríamos que a Areia seria o *homem-poeta* e o Mar seria a *musa* (arte, ideia, cantora divina). Esse seria o nascimento da poesia; o casamento do homem com a ideia. É por este enlace que o poeta clama.

Mariá, por que não te casas?
Me diga; por que não te casas
Comigo, se eu quero te dar,
Se eu quero te dar, Mariá,
Num beijo o meu coração?

Observem que enquanto ele clamava o Mar // ria. Brincando com o vocábulo Mariá, ele suscita-nos um riso galhofeiro de liberdade. Mariá não responde aos seus apelos, mas o poeta trabalha de tal forma o vocábulo, que ele parece dançar e cantar diante dos nossos olhos como as musas da Beócia²⁷. Por esta razão, o desmembramento em (Mar) e (Ria).

²⁷ As musas da Beócia habitam o Hélicon e estão mais ligadas a Apolo, que lhes dirige os cantos em torno da fonte Hipocrene, cujas águas favoreciam a inspiração. Ver Junito de Souza Brandão, Op. Cit. p. 203.

A palavra tem o poder de instigar ideias, associadas à inteligência pela combinação de sons repetidos exaustivamente, o que consubstancia uma forma primitiva de arte. No poema *Case comigo, Mariá*, Sosígenes Costa institui o mito de criação poética e em seguida contextualiza-o no imaginário popular brasileiro, sugerindo-nos uma discussão em torno da identidade cultural, no instante em que nos remete às cantigas de roda, às crenças e valores que permeiam o imaginário brasileiro.

Não sabes que o mar é casado
Com a filha do rei?
Mariá, o mar é casado
Com a filha loura do rei.

Reis e rainhas povoam o imaginário da criança brasileira e constroem a sua identidade. O poema desenvolve-se em torno dessas alegrias mais simples da gente do povo no Brasil, com seus costumes e sentidos dirigidos à fruição de elementos sensíveis do cotidiano. O poema vai, ao mesmo tempo, clamando por um idílio amoroso e construindo a cultura; filha do casamento entre o poeta e o povo.

Esta sensibilidade rítmica e sonora apresentada por Sosígenes influi no comportamento do leitor e suscita neste, o repensar da sua cultura. O senso de poeticidade de Sosígenes Costa afirma-se não apenas ao nível do motivo, como no aproveitamento da sonoridade que vem do mar. É uma verdadeira balada litorânea. Todos os limites geográficos são desconstruídos, e instaura-se uma geografia poética, onde Minas, Bahia e Sergipe se articulam através das areias e das águas, que não pertencem a um lugar, mas a todos os lugares ao mesmo tempo.

O mito das Sereias também invade o poema de Sosígenes e funciona como avatar psicológico da raça brasileira. Mito constantemente reatualizado através da tradição; como nas cantigas de roda.

Eu morava na areia, Sereia
Me mudei para o Sertão, Sereia
Aprendi a namorar, Sereia
Com um aperto de mão, Oh! Sereia

A linguagem poética de Sosígenes se arrima no aparelho mitológico do universo brasileiro e discute o poder dessa entidade (sereia), enquanto representação do povo. Além das virtudes encontradas neste poema, acresce outra: a força de união entre os diversos povos brasileiros. A mulher do mar, saltando de um Estado a outro, vai unificando a cultura e os valores, e mostra o poder da arte literária em cantar o conteúdo imanente das formas de vida humana no Brasil.

Tenho consciência do perigo que incorro em estar atribuindo ao poeta uma interpretação que por ventura ele não tenha tido. Todavia, como diz Borges, a literatura como o sonho é uma representação. E o poeta ao escrever, pode adormecer numa gruta diante do mar, por entre areias douradas e acordar rodeado pela areia negra do Saara, sem água e sem mar. Isso me faz lembrar os contos infantis. Ler *Casa comigo, Mariá* é reviver as histórias da carochinha através de um lamento.

Segundo a escritora Edil Silva Costa, o elemento *rosa* que aparece como oferenda no poema de Sosígenes Costa é um elemento mítico na cultura popular. Em sua antologia de contos populares da Bahia (litoral baiano, de Salvador a Palme) a autora recolheu amostras nas quais o elemento *rosa* se encontra frequentemente presente. A rosa representa o mistério do casamento e quem a ela tiver, obterá sorte e felicidade. No conto *Maria Borracheira* a rosa aparece assim:

... um dia de manhã, nasceu dois pé de rosa. Dois pé de rosa. Mas aquela roseira não tinha quem pegasse uma flor, de jeito nenhum. Todo mundo queria pegar uma flor daquela, mas não podia. Que quando chegava junto, ele esquecia. Aí ficou. Aí saiu uma lista. O

reis botou uma lista pa quem tirasse uma rosa daquela, daqueles pé de rosas casava ou com a princesa ou com o príncipe.
(Narrado por Manoel dos Santos – Conde/Ba. Coletânea de Edil Silva Costa)

Se fizermos uma análise contrastiva, identificamos neste fragmento, o conto indo-europeu e a mitologia grega. Mas o que queremos acentuar é a perpetuidade da expressão literária no que se refere à construção poética. Sosígenes Costa se vale desse recurso mítico e acende no leitor a lembrança das manifestações populares, fruto das culturas formadoras da nacionalidade brasileira, contribuindo dessa forma, para o entendimento do povo e para valorização e divulgação da cultura nacional.

Dentre as manifestações dessa cultura popular, o conto é uma das formas mais difundidas no Estado da Bahia, principalmente na zona praieira. Sendo Sosígenes um praieiro, seu enfoque principal é no imaginário da criança litorânea. E através dessa balada para ninar, Sosígenes mapeia a cultura com palavras singelas como rosa, peixinho e passarinho. Vistos no corpo do poema estes vocábulos parecem mais um dentre muitos vocábulos. Contudo, ao serem analisados revelam-se difusores da cultura de um povo.

Outro elemento mítico é o peixinho. O encanto e a mística que envolve o peixe sempre povoaram o universo literário. O peixe-boi e o baiacu sempre foram elementos presentes na literatura brasileira. Entretanto, é no conto popular que ele tem vida e magia. Ainda segundo a Professora Edil Silva Costa no conto *as comadres*, o peixe era companheiro e confidente de Maria, moça bela, porém maltratada pela madrasta.

... o peixe dizia assim:
Me dá, Maria, a roupa que eu lavo.

Quando era daí a pouco, não demorava muito não, meio-dia,
antes do meio-dia, o peixe vinha com a roupa toda lavada e seca
já. (Maria Carmelita – Inhambupe/Ba)

Mais tarde esse mesmo peixe, um príncipe encantado, casa-se com Maria.
No poema em estudo Sosígenes faz um apelo a Mariá dizendo:

Mariá, por que não te casas,
Se o mar também é casado?
Se até o peixinho é casado...

Observem que para o peixinho ele deixa as reticências. Com quem o peixinho é casado? Resta-nos acreditar que é com a imaginação criadora do poeta e do povo. Sosígenes tematiza algo que é recorrente na literatura popular, o motivo casamento. Isso nos remete a outro livro bíblico que poderá ter tido influência na poética de Sosígenes, sendo ele um erudito. O Levítico é um livro que contém a maioria das prescrições do culto mosaico. Os antigos hebreus cultuavam o **holocausto**, no qual a vítima era oferecida ao fogo; a **oblação**, oferta de frutos e flores e o **casamento**, comunhão dos corpos. No poema, Sosígenes faz uso da oblação e do casamento e os reúne em um lamento.

Vejam como ocorre o diálogo de Sosígenes Costa com a cultura hebraica. No capítulo dois do Levítico intitulado as oblações, é-nos apresentado a seguinte recomendação para a oferenda: “Quando alguém apresentar ao Senhor uma oblação será de flor de farinha. E leva-la-á ao sacerdote, o qual tomará um punhado de flor e queimará no altar como um memorial”. (Lv. 2, 1-2)

No poema *Case comigo, Mariá* o poeta oferece a sua oblação ao mar e recebe deste a cidade de areia em que vive.

Mandei ao mar uma rosa, Mariá,
Porque ele vai se casar.
O mar pediu que a sereia, Mariá,
viesses me visitar
e agradeceu o presente.
Quando foi isto? No passado Mariá

Sabes que fez a sereia, Mariá?
Deu-me um punhado de areia;
esta cidade de areia,
nossa terra, Mariá.

Mediante leitura realizada, creio que ao leitor é confiada a autorização de viver e interpretar a obra literária, visto que a obra poética afeta o leitor e o faz, ao mesmo tempo, sujeito ativo e passivo mediante a o exercício das ações comunicativas do leitor, isto é: introspecção, imagem visiva e interlocução³, já discutidas por mim em outra obra. Por esta razão, creio que não pode haver leitura inocente do texto literário, pois cada leitor vai ao texto com suas próprias normas e valores e, em contato com a experiência da leitura, essas normas e valores são modificados.

Quando lemos, nossa expectativa leitora nasce em função das leituras que realizamos ao longo de nossas vidas. Porém, os acontecimentos, as reformulações conceituais e culturais que vamos concebendo no decorrer de nossa vida leitora obrigam-nos a redefinir nossas expectativas e a reinterpretar a nossa cultura leitora. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás. É dessa forma que percebemos o texto de Sosígenes Costa, um texto que deambula entre o Princípio e o Futuro; entre a Areia (alfa) e o Mar (musa), revivendo e reatualizando sempre o mito do texto literário que se caracteriza por sua incompletude no instante em que a leitura se renova. É com esse olhar de renovação contínua que desejamos

³ Cf. Sobre as ações comunicativas para a leitura literária, vê “Por uma teoria da apropriação do texto literário” CRUZ, 2012, p. 165-179

encontrar a escola brasileira dos novos tempos, tendo o texto literário como aporte de revolução do pensamento escolar.

REFERÊNCIAS

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Nacionalidade e literatura: os caminhos da alteridade*. Florianópolis: UFSC, 1992.

BORGES, Jorge Luis. *Sete noites*. México: Max Limonad. 1980.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Edil Silva. *Cinderela nos entrelaces da tradição*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Fundação Cultural, EGBA, 1998.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.

DAMULAKIS, Gerana. *Sosígenes Costa: o poeta grego da Bahia*. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.

FOUCAULT, Michel. Representar In: *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MATTOS, Cyro de; FONSECA, Aleilton. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Salvador: EDUFBA. 2004.

MIGNOLO, W. *Desobediência epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010, 126 p.

SEIXAS, Cid. O tom épico do modernismo na Bahia In: *Triste Bahia Ob! Quão Dessemelhante*. Salvador: EGBA, 1996.

Recebido: 28.02.2015 – **Aprovado:** 10.03.2015